

## O incêndio na Faculdade de Ciências de Lisboa

Na madrugada de 18 de Março de 1978 um pavoroso incêndio — presumivelmente de origem criminosa — reduziu a escombros uma grande parte do velho casarão onde se encontrava instalada, desde a sua fundação, a Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. O edifício, construído para sede da Escola Politécnica e inaugurado há precisamente um século, substituiu um outro no mesmo local que — também esse — tinha sido reduzido a um montão de destroços pelo terrível flagelo do fogo.

A vetusta edificação albergava, além das instalações para a docência dos cursos da Faculdade, o Museu Nacional de História Natural e o Instituto Geofísico Infante D. Luís, que constituem estabelecimentos anexos da Universidade de Lisboa, bem como nove Centros do Instituto Nacional de Investigação Científica (INIC). Após a catástrofe, apenas os serviços instalados em edificações anexas exteriores ao corpo principal da Faculdade não foram afectados. Tudo o que se encontrava naquele corpo sofreu, em maior ou menor grau, as consequências da tragédia, constituindo a maior perda, para o já tão depauperado património cultural do País, a total destruição da secção de Zoologia e Antropologia (Museu Bocage) do Museu Nacional de História Natural. Aí se encontravam numerosas colecções raras e mesmo únicas de inestimável valor científico, cuja perda afecta não apenas a comunidade científica portuguesa mas o património cultural da humanidade.

No que respeita à Física, encontravam-se instalados na Faculdade de Ciências três Centros do Investigação das Universidades de Lisboa, dependentes do INIC: o Centro de Física Nuclear, o Centro de Física dos Fenómenos de Ionização Interna e o Centro de Geofísica, os dois primeiros no Laboratório de Física da Faculdade e o último no Instituto Geofísico Infante D. Luís. Este perdeu uma parte das instalações que utilizava bem como do equipamento e da documentação científica — parte dela irrecuperável — de que dispunha.

Quanto aos dois outros Centros de Física, eles perderam a totalidade da oficina e uma parte substancial da biblioteca que utilizavam, pertencentes ao Laboratório de Física, bem como, presumivelmente, uma fracção importante do seu equipamento científico que, embora não directamente atingido pelas chamas sofreu a acção de um intenso calor. Perderam igualmente a totalidade da sua reserva de componentes electrónicas e eléctricas.

A comunidade nacional dos físicos conhece bem as condições materiais extremamente deficientes em que se tem desenvolvido, entre nós, a investigação científica no domínio da Física. Na realidade, se alguns — muito poucos — centros de investigação se encontram razoavelmente instalados, os que estão integrados na Faculdade de Ciências de Lisboa, são, entre todos, os que têm tido à sua disposição os locais de trabalho mais exíguos e inadequados. E este facto é tanto mais aberrante quanto é certo que o ensino universitário não vive verdadeiramente sem investigação científica fundamental e esta só tem plena justificação social, pelo menos em países como o nosso, quando estreitamente ligada ao ensino. Ora a formação de físicos processa-se justamente nas Faculdades de Ciências! Recorde-se ainda que os Centros de Física da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa são os proseguidores de uma actividade de investigação que, sem descontinuidade, aí se iniciou há quase meio século. Nenhum outro Laboratório de Física do nosso país tem uma tal tradição, que se tem traduzido por uma produção científica internacionalmente reconhecida, e por uma preparação de quadros universitários, sempre mantidas — apesar das graves carências e dificuldades que tem acompanhado a sua actividade — graças à imaginação, devotamento e espírito de sacrifício dos investigadores que, ao longo dos anos, aí têm trabalhado. Urge, assim — é um imperativo nacional — criar as condições para que se não interrompa a actividade daqueles Centros, instalando-os desde já em locais apropriados disponíveis.